

RUBRICA REPORT(H)A: O teatro da natureza e o mundo

“What Will He Grow To” ou as lições da poluição passada¹

José Rafael Soares²

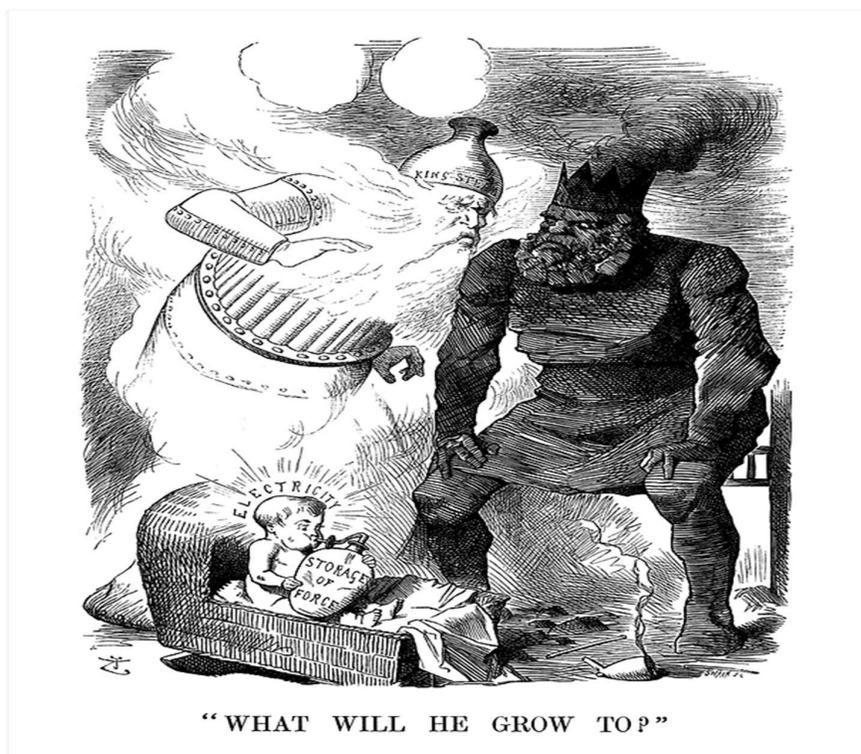


Figura 1 - O rei vapor pergunta ao rei carvão em que é que a bebé electricidade se irá tornar. Punch, 25 de Junho de 1881, p.295. Retirado de *Punch cartoons on the Victorian era*. <https://www.punch.co.uk/image/10000QAudDYjt5bo>, em 12/06/2020

A excelência do cartoon vitoriano oferece alguns contributos aos historiadores do ambiente para desvendar o que a sociedade pensou sobre os seus recursos energéticos. Em “What Will He Grow To”, publicado na revista “Punch” a 25 de Junho de 1881, John Tenniel (1820-1914) ressaltou as incertezas sobre os usos da electricidade, à luz do peso que a máquina a vapor e o carvão mantinham. O exercício de abastecer comunidades

¹ Por desejo expresso do autor, este texto não segue as normas do acordo ortográfico.

² CICS.NOVA.UMinho - Grupo de Investigação: 3: Cidades, Ambiente e Desenvolvimento Regional. E-mail: graphazoni@gmail.com.

inteiras sob o crescente signo da produção de bens e mercadorias concentrou os mais diversos debates sobre o conhecimento das fontes de energia. De igual modo, se o conhecimento dos efeitos nocivos para a saúde humana (e do planeta) de determinadas fontes era efectivamente parco, a verdade é que podemos atribuir à época vitoriana incursões concretas na luta contra a poluição.

Desde a Revolução Industrial que o aumento da procura e a intensificação do uso do carvão, bem como a generalização da máquina a vapor, elevaram os índices da poluição decorrentes da actividade industrial. Também a sociedade de oitocentos encarou esse período com ansiedades muito próprias. John Ruskin (1819-1900) e William Morris (1834-1896), por exemplo, criticaram a perda do carácter natural das áreas rurais. Outros abordaram a degradação do ambiente como causador da degeneração física e moral do povo britânico. O fumo seria o manto protector do crime e da imoralidade. O mesmo vapor, porém, permitiu que os reformadores do século XIX se unissem num esforço (para o qual contribuíram cientistas da época, letrados, políticos e as primeiras associações de combate à degradação ambiental) para o isolar da comunidade humana. Ele foi, por isso, o símbolo da necessidade de uma mudança.

Ao nível da poluição, os números actuais mostram o efeito da paragem da actividade industrial e comercial. Uma descida abrupta da produção de gases com efeitos de estufa é acompanhada por uma descida abrupta dos consumos do carvão, bem como dos preços do barril do petróleo. Uma possibilidade de aprofundarmos a ambicionada transição energética reemerge neste panorama de abrandamento mundial. Mais do que um momento crucial de transição, os valores em causa mostram-nos uma pausa, que é geradora de expectativas, mas cujas causas não advêm da aplicação dos normativos constitutivos dos tratados internacionais, ou de uma capacitação política em prol de uma agenda energética. Há, por isso, boas razões para acreditar que os valores da poluição atmosférica ou aquática voltarão a encontrar a média dos últimos anos.

Reveladora da vontade em agir face à realidade incomensurável dos fenómenos climatéricos, a esperança da mudança dos hábitos quotidianos para a generalidade da população corresponde a uma tentativa de apaziguar ou mitigar as ansiedades próprias dos contextos de crise emergente e global. Para os historiadores do ambiente, o século XXI será, nesse sentido, um laboratório interminável da constatação da fragilidade da condição humana. Talvez para o denominado Antropoceno — a nova escala geológica proposta por diversos cientistas na qual os efeitos do Homem sobre o globo terrestre se

tornaram irreversíveis —, a multiplicação das ansiedades seja uma condição sociológica à qual é impossível escapar.

Nestes tempos em que celebramos uma vitória pírrica contra os elevados índices de poluição que nos acompanham desde há dezenas e dezenas de anos, é útil relembrar que precisaremos de muitos esforços para concretizar uma mudança tão ambicionada e de tão difícil concretização.

Leituras suplementares:

- Thorsheim, P. (2006). *Inventing Pollution. Coal, Smoke, and Culture in Britain since 1800*. Ohio: Ohio University Press.
- Pinto, L. (2020, Julho, 14). EDP antecipa encerramento das centrais de carvão na Península Ibérica. Público. Retirado de <https://www.publico.pt/2020/07/14/economia/noticia/edp-antecipa-encerramento-centrais-carvao-peninsula-iberica-1924314> , em 15 de Julho de 2020.

Como citar: José Rafael Soares - «“What Will He Grow To” ou as lições da poluição passada» [Em linha]. Porto: Rede Portuguesa de História Ambiental, 2020. Disponível em <http://www.reportha.org/en/news/item/529-naturae-theatrum-et-mundum-theatre-of-nature-and-the-world-o-teatro-da-natureza-e-o-mundo>.